

PIERI, Francesco – *Sangue versato per chi? Il dibattito sul pro multis*.

Brescia: Editrice Queriniana, 2014. 248 p. *Giornale di Teologia*; 369.

No seguimento da publicação da *editio typica* do Missal Romano de 2002 – a terceira depois da reforma litúrgica levada a cabo pelo Concílio Vaticano II –, as Conferências Episcopais foram incumbidas de rever e de iniciar o processo de uma nova tradução do Missal. Esta promulgação foi antecedida por um outro documento especificamente dedicado à tradução dos textos litúrgicos nas línguas vernáculas – a instrução *Liturgiam authenticam* – que estabelece que as traduções – em todas as novas versões dos livros litúrgicos – se devem reger pela rígida correspondência entre o texto típico (literal) e as traduções. Posteriormente, surgiram outros dois documentos interpretativos dessa mesma orientação: o primeiro, da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (2006), sobre a tradução da expressão *pro multis*, e o segundo, uma Carta do Papa Bento XVI (2012), endereçada à Conferência Episcopal Alemã, na pessoa do seu presidente, versando o mesmo tema. Estes documentos pretendiam não só explicar mas também reforçar o carácter vinculante da diretiva, ou seja, que o princípio de correspondência literal na tradução dos textos litúrgicos deve aplicar-se também à fórmula *pro multis*, presente nas palavras institucionais da eucaristia, pronunciada pelo sacerdote sobre o cálice. Na base deste critério e deste princípio está a distinção entre a tradução e a interpretação. Assim, a expressão *pro multis* deve ser traduzida não *por todos* mas *por muitos*, pois esta última expressão corresponderia mais propriamente às palavras de Jesus, enquanto a expressão *por todos* se trataria duma interpretação dessas mesmas palavras. No fundo, segundo a perspectiva do Papa Bento XVI, esta mudança manifestaria por um lado o respeito reverencial da Igreja pela palavra de Jesus, e por outro a fidelidade de Jesus à palavra da Escritura; esta dupla fidelidade, escrevia o papa, é a razão concreta da mudança da fórmula *por muitos*. E é, portanto, nesta cadeia de fidelidade reverencial, que nos devemos inserir com a tradução literal das palavras da Escritura: *por muitos*.

Estas diretivas da Santa Sé, assim como estes argumentos e explicações geraram, por um lado, espanto e, por outro, incómodos, críticas e reações discordantes, quer no âmbito académico quer no seio das Conferências Episcopais.

O presente livro, da autoria de Francesco Pieri, publicado na coleção *Giornale di Teologia* (gdt 369) das Edições Queriniana, pretende ser um contributo teológico-litúrgico-pastoral, no sentido de iluminar e aprofundar o debate teológico em torno desta fórmula e em ordem a uma solução e maturação serena da diretiva. Como foi referido, a indicação da Santa Sé suscitou, concretamente na Conferência Episcopal italiana, alguma surpresa e algum aborrecimento, incompreensão e desacordo no que toca a ter de decidir pela tradução da fórmula *pro multis* por *per molti*, em vez de *per tutti*. Posto isto, surge espontaneamente um conjunto de questões e, sobretudo, a grande questão, que a obra agora publicada apresenta como título, procurando responder-lhe: «Sangue versato per chi?» Sangue derramado por quem? Por todos ou por muitos? Porque se trata dum tema que diz o conteúdo central da fé e toca o ponto mais íntimo da oração cristã, exige-se uma reflexão mais profunda e academicamente fundamentada a fim de não se desvirtuar o mistério da cruz de Cristo e de se anunciar o seu efeito em ordem à salvação de todos. O debate no interior da Conferência Episcopal

italiana parece não ter sido muito pacífico, a ver pelo resultado da votação. Na verdade, a grande maioria dos bispos pronunciou-se contra a mudança da fórmula *per tutti*, por *per molti*, justificando que a alteração desta expressão poderia desorientar e suscitar dúvidas sobre uma verdade de fé tão assumida e interiorizada pelo consenso dos fiéis, isto é, que a salvação – que Cristo nos alcançou pelo derramamento do seu sangue na cruz – é para todos, sem exceção.

É nesta tentativa de esclarecimento e de aprofundamento que se situa, portanto, esta reflexão de Pieri. A obra divide-se em duas partes. A primeira consta duma introdução, de três capítulos e duma reflexão conclusiva, composta de quatro teses, onde o autor faz a síntese do método seguido e das conclusões extraídas a partir do diálogo que suscitou entre as diferentes interpretações e sensibilidades. Neste confronto, o autor procura evidenciar a fidelidade harmoniosa entre a *lex orandi* e a *lex credendi*, conforme a tradição viva da Igreja

Quanto à segunda parte do livro, é constituída essencialmente por um conjunto de seis documentos que servem de consulta e de referência para o debate, sendo dois deles os documentos acima indicados.

Fundamentalmente, Francesco Pieri diverge de Bento XVI, precisamente quando na referida carta o Papa defende que, por um lado, esboroou-se e deixou de existir consenso exegético em relação à interpretação de *muitos* como "semitismo" que equivaleria a *todos*, e, por outro lado, que o sacramento da eucaristia em relação à morte de Jesus na cruz tem um raio de ação mais limitado. Na sua opinião, o termo *todos* situa-se no plano ontológico: o ser e o agir de Jesus englobam toda a humanidade do passado, do presente e do futuro, mas de facto, historicamente, na comunidade concreta daqueles que celebram a eucaristia, Ele chega só a *muitos*. Portanto, alcança *muitos*, mas não *todos*; alcança a comunidade concreta que celebra (*por vós*) e a Igreja na sua totalidade (*por muitos*), que por sua vez é chamada a ser fermento e luz de salvação *para/por todos*. Segundo o autor esta explicação carece de outras possibilidades e suscita muitas reservas, sendo a primeira delas o facto de restringir e de separar excessivamente a celebração eucarística da morte redentora de Cristo. Ao concluir e depois de ter apresentado e confrontado, teológica e liturgicamente, todos os argumentos e contra-argumentos sobre o tema em questão, ficamos com a impressão de que o autor manifesta uma certa indefinição e uma posição pouco clara no que concerne à aceitação ou mudança da fórmula *por todos* – *por muitos*, referindo que esta última expressão é também indefinida e de amplo significado. As suas conclusões, perguntas e respostas estão patentes nas quatro teses ou pontos finais, com os quais termina o seu livro, deixando ao leitor a liberdade de se confrontar e a possibilidade de continuar a reflexão sobre o mistério pascal de Cristo, cuja compreensão progressiva se faz na Igreja e através da Igreja.

Nélio Gouveia